

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS INTERAÇÕES HUMANO-AMBIENTAIS:
RELAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DE
LUGAR NA COMUNIDADE CHICO MENDES, BAIRRO MONTE CRISTO –
FLORIANÓPOLIS, SC**

Aline Drews, Giordana da Luz
Acadêmicas do Curso de Psicologia da UFSC
Ariane Kuhnen, Dra.
Professora do Departamento de Psicologia da UFSC (Coordenadora)
ariane@cfh.ufsc.br

Resumo

Sabendo-se que a apropriação espacial intervém na construção de identidades, o desafio deste Projeto de Extensão Universitária, iniciado em 2001, está na mediação de relações humanas a fim de mobilizar a transformação de valores individualistas e de degradação humano-ambiental em formas de cooperação, conservação ambiental e participação social. O trabalho centra-se nas relações entre crianças e adolescentes e desses com o local de moradia, a comunidade Chico Mendes.

Palavras-chave: educação ambiental, psicologia ambiental, apropriação espacial.

Introdução

O *locus* de análise do projeto é a comunidade Chico Mendes, situada entre Florianópolis e São José. Em 1992, um grupo de educadores e religiosos criou a ONG Associação dos Amigos do Centro de Atividades Chico Mendes. Este grupo e alguns moradores desenvolveram conjuntamente a proposta de ações que oportunizassem o resgate da dignidade, a humanização das relações, e a construção da cidadania daquela população (Lima, 1999).

Atualmente são desenvolvidos pela Associação vários trabalhos de apoio sócio-educativo. O projeto de extensão desenrola-se junto ao “Projeto Esperança”, que atende 80 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos. As atividades acadêmicas são desenvolvidas com um grupo de 20 integrantes de 7 a 11 anos e outro de 20 integrantes de 12 a 14 anos.

Este projeto insere-se no escopo das discussões e análises dos efeitos do contexto espacial na vida das pessoas. Entendendo que o homem é produtor central do espaço, procura-se proporcionar situações em que os sujeitos participantes, a partir de

reflexões propostas, redimensionem sua participação e interação com o seu entorno. Entende-se que se faz necessário resgatar a dimensão humana da problemática ambiental, visto que há uma estreita relação da sociedade com a natureza e dos homens entre si.

A psicologia e a educação ambiental permitem pensar numa nova forma de relação entre a humanidade e o meio ambiente. Para tanto, faz-se necessário romper com o modelo tecnicista de autodestruição e estimular a ética nas relações econômicas, políticas e sociais. A intervenção tem o intuito de contribuir nessa direção, especificamente na construção de identidades marcadas pelo apego e cuidados com os lugares de moradia, pois se entende que a ligação afetiva com o ambiente levaria ao surgimento de comportamentos pró-ambientais, de defesa do entorno e do ambiente global.

Material e Métodos

A proposta de trabalho sustenta-se em encontros com os grupos na sede da Associação e em saídas monitoradas dentro e fora da comunidade. Nesses encontros promovem-se atividades que integram o grupo e proporcionam o crescimento individual. Como instrumentos de análise, utilizam-se observações, fotografias, filmagens e, especialmente, sessões de desenhos que elucidem a representação sócio-espacial. Busca-se compreender, através dos desenhos e produções artísticas, das falas e das dramatizações, as formas como os integrantes constroem suas relações com o meio ambiente – seja este físico ou humano –, apropriam-se e sentem-se pertencentes ao mesmo. Durante as observações, percebeu-se que os grupos tinham dificuldade em realizar atividades em conjunto. Nesse sentido, utilizou-se dinâmicas de grupo que favoreceram a integração e a cooperação.

Além da valorização pessoal, procurou-se reforçar os aspectos positivos de morar na comunidade. Tais aspectos já haviam sido suscitados pelos participantes, porém pareciam encobertos pelos fatores levantados, em especial relativos ao lixo e à violência.

A falta de área de lazer, tanto na Associação quanto na comunidade, fez com que se ampliassem os espaços de brincadeiras das crianças. Passou-se a utilizar locais

próximos da comunidade e promover passeios em outros pontos da cidade, já que, mesmo morando em uma cidade com atrativos naturais, o acesso fora dos limites da comunidade é muito difícil, pois não dispõem de recursos financeiros suficientes para viabilizar essas saídas.

O passo seguinte foi trabalhar a reciclagem do lixo. Esta problemática proveio da constatação do quanto a realidade cotidiana das crianças e dos adolescentes da comunidade estava relacionada, principalmente sócio-economicamente, à temática do lixo. Além das condições de saneamento básico precárias encontradas em seu local de residência, muitas das crianças e dos adolescentes possuem alguém com quem mantém estreita relação social (um dos pais, familiar ou vizinho) que possui como fonte de renda o trabalho com o lixo (catadores de papel, funcionários da COMCAP). Estes trabalhadores se deslocam para outras regiões da cidade para prestarem um serviço básico negligenciado em sua própria comunidade. Dessa forma, passou-se a trabalhar buscando a reflexão crítica a respeito da relação entre o significado social, comumente depreciativo, dado ao lixo bem como a tudo a ele vinculado e o sentido individual concedido ao lixo por crianças e adolescentes que acompanham a relevância dele na manutenção da vida de muitas famílias. Propiciar uma apropriação positiva das questões relacionadas ao lixo tornou-se primazia. Para isso, foram passados vídeos e foram contadas histórias para os grupos que falavam da importância de separar o lixo. Foi realizada uma visita a uma feira sobre meio ambiente onde foi assistida uma demonstração de como se faz a reciclagem de papel. Pretendia-se, posteriormente, adotar na Associação a coleta seletiva. Pensava-se que dessa forma os comportamentos frente ao lixo pudessem ser modificados, porém descobriu-se que não havia coleta seletiva na comunidade. Esta estava restrita a alguns bairros de Florianópolis.

Com a aproximação entre os participantes do grupo, tornou-se mais fácil desenvolver as atividades. E mesmo que as condições de moradia continuassem difíceis, pôde-se observar diferenças nas falas das crianças quanto a morar na comunidade. A visão naturalista, que evidenciava a noção de meio ambiente estritamente como sendo o natural, foi sendo aos poucos redimensionada integrando aspectos do ambiente construído e humano. Os integrantes dos grupos descobriram que fazem parte da comunidade (meio ambiente) e ajudam a produzir seus problemas, e começam a perceber que tem responsabilidade frente a essas questões e possíveis soluções.

Resultados e Análise

Não foram utilizadas generalizações para tentar explicar a realidade da comunidade trabalhada, ao contrário, procurou-se entendê-la a partir de suas singularidades. Foi nas vivências e observações do cotidiano que se construiu o conhecimento sobre a realidade dessa comunidade. Isto porque se entende que a psicologia ambiental não é um lugar de aplicação da psicologia mas sim, fazendo parte do seu conjunto, é mais um espaço para sua construção e inserção dessa ciência na vida social.

A experiência na comunidade em questão, perpassada por uma série de relações conflitantes, permitiu que estudantes da universidade, em situações reais, aprimorassem o crescimento profissional. As trocas dos saberes, entre os sujeitos da comunidade e estudantes, foi ainda favorecida pelas diferenças existentes em suas realidades cotidianas. Os laços estabelecidos não estreitaram apenas o abismo existente entre as teorias aprendidas na instituição de ensino e a prática mas o elo existente entre universidade e sociedade permitiu que cumprissem sua função ética e social. A participação no Projeto dos estudantes de psicologia, sejam bolsistas ou voluntários, possibilitou que os sujeitos da comunidade Chico Mendes percebessem que existem outras formas de se relacionar com o outro e com o meio ambiente, sobretudo com o local de moradia. Ao estimularem a reflexão crítica quanto às condições de moradia da comunidade oportunizaram que crianças e adolescentes ampliassem sua percepção quanto ao “ser cidadão” no mundo.

Conclusão

Muitas famílias que vivem atualmente na comunidade Chico Mendes deixaram o campo e migraram à procura de melhores condições de vida, promovendo, paralelamente, uma desagregação sócio-espacial. Contudo, vivem numa cidade na qual não se sentem pertencentes. Suas condições econômicas não permitem que tenham acesso aos locais de lazer e aos atrativos naturais da cidade. Além disso, são discriminadas por suas precárias condições de existência.

Por mais que sejam privadas das áreas verdes da cidade, a “natureza” compõe o imaginário das crianças e adolescentes desta comunidade. Isso pode ser observado e

analisado pelos desenhos e falas dos mesmos. Concluiu-se, a partir daí que as inter-relações entre meio ambiente, cidadania e cotidiano são muito próximas e com isso as mudanças ambientais desestabilizam as condições de trabalho e de existência. Porém, nem sempre os indivíduos estabelecem uma associação entre a degradação e a ação de agentes sociais. Compreendendo a gravidade dos fatos relacionados à degradação sócio-ambiental que sofrem estes sujeitos, pensa-se que a utilização racional dos recursos naturais é necessária, mas não basta. É preciso que os cidadãos participem das discussões e decisões sobre a problemática ambiental.

Foi com o propósito de estimular a participação das crianças e adolescentes na solução dos problemas ambientais existentes na sua comunidade que se lançou mão de teorias e atividades comprometidas com a mudança do modelo tecnicista existente. Pensa-se que a reflexão trazida à tona pela psicologia e pela educação ambiental permitem superar a percepção que se tem de meio ambiente. Sendo o meio ambiente o resultado da dialética das interações entre os grupos sociais e o meio natural e construído, esse não pode continuar sendo reduzido ao sinônimo de natureza.

Essa experiência permitiu perceber que relativo à natureza, em atividades científicas e cotidianas, faz-se necessário que os sentidos e a subjetividade estejam presentes. A ciência precisa ser compreendida como atividade criativa que permite integrar a arte e os diferentes conhecimentos, abandonando, dessa forma, o paradigma racionalista de ciência e de exploração dos recursos naturais.

Referências

BRÜGGER, P. **Educação ou Adestramento Ambiental?** Florianópolis: Letras contemporâneas, 1994.

GONÇALVES, C. W. P. Meio ambiente, ciência e poder: diálogo de diferentes matrizes de racionalidade. In: SORRENTINO, M. (Org.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAESP, 2001, p. 135-162.

KUHNEN, A. **Reciclando o cotidiano:** representações sociais do lixo. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

LIMA, D. **Isso aqui é um pouquinho do Brasil**. Monografia (Especialização) –Faculdade de Educação da UDESC, Florianópolis, 1999.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

SAWAIA, B. B. **Cidadania, diversidade e comunidade**: uma reflexão psicosocial. São Paulo: Cortez, 1994.

TOMANIK, E. A.; FILHO, M. M. de F.; LUCAS, S. M. Ocupação do espaço, exclusão e representações: uma contribuição da Psicologia Social aos estudos ambientais. In:

ZANELLA, A.; SIQUEIRA, M.J.; LULHIER, L.; MOLON, S. (Orgs). **Psicologia e práticas sociais**. ABRAPSOSUL: Porto Alegre, 1997.